



MAUSOLEU NAS EXEQUIAS DE FILIPPE 2.º

EXEQUIAS DE FILIPPE 2.º EM SEVILHA, E CASO NOTAVEL NAS MESMAS ACONTECIDO.

(Anno de 1598).

Nas solemnidades e funcções, quer ecclesiasticas, quer de regozijo, quer funebres, distinguui-se na Hespanha Sevilha na epocha da sua grandeza, do que entre outras cousas dão prova as honras funebres celebradas em memoria de Filippe 2.º — Reunido ás auctoridades ecclesiasticas o cabido, correram com as despezas, que foram extraordinarias; fazendo a traça do tumulo e dirigindo a obra o architecto da cidade, João de Oviedo. Na sé se erigiu esta fabrica, apesar de temporaria, sumptuosa, debaixo da abobada que fica entre o coro e a capella-mór e é a mais alta da igreja. Constava ella de tres corpos; o primeiro dorico, formado de pilastras e columnas em numero de dezeseis; entre as pilastras havia nichos com altares e santos, estando repartidos pelos intercolumnios os emblemas e hieroglyphicos analogos ao objecto: — o segundo era jonico, formavam-no oito columnas estriadas, no centro sobre mui amplo pedestal assentava a urna funérea, cuberta com rico panno de brocado, e grandes almofadas do mesmo á cabeceira, e em cima dellas a coróa e sceptro, a espada nua, as manoplas e celada; na base da urna havia um leão recostado segurando nas garras a haste da bandeira nacional; nos quatro angulos deste segundo corpo viam-se outras tantas pyramides ou obeliscos consagrados ás quatro esposas que tivera o fallecido monarcha; D. Maria de Portugal (*), D. Maria de Inglaterra, D. Isabel de la Paz, e D. Anna de Alemanha: — o corpo terceiro e ultimo era corinthio, tambem com suas columnas, e diante dellas esta-

vam collocadas estatuas, occupando o centro a de S. Lourenço, sobre pedestal, e de altura de 22 palmos. Rematava o soberbo tumulo com uma cupula em que assentava um globo que em cima sustentava a ave phenix. — Desde as duas portas do cruzeiro seguiam duas ruas de arcos, adornadas d'estatuas e escudos d'armas, e que davam serventia para o mausoleu. — Tudo era fabricado de madeira e panno, mas imitando a bem acabada pintura os marmores das estatuas, outras castas de pedras, bronzes, dourados, &c. segundo os objectos, que representava. Uma infinidade de disticos e epitaphios alludiam ás acções do monarcha, que bem é de suppor quanto ahi seriam exaggeradas ou disfarçadas.

Chegou o dia 24 de novembro de 1598, vespera daquelle em que a pompa funebre teria lugar; entraram na sé ás duas da tarde todas as communiidades religiosas, o clero secular, o corpo da universidade, o cabido; depois chegaram os tribunales, da inquisição, civil, e municipal; tomando todas estas corporações assento na capella-mór; todos em bancos rasos por serem exequias reacs. No dia seguinte á hora marcada entraram os padres e mais auctoridades mencionadas, porem o tribunal da inquisição foi o ultimo que chegou e a tempo que concluido o evangelho da missa subia já ao pulpito o orador sagrado; de repente aquella corporação no transitio para o seu assento suspende os passos, e sem respeito ao acto, ao lugar, e á celebração do sacrificio da missa, envia ao regedor do tribunal civil uma forte intimação para que «sob pena d'excommunhão *lata sententia* tirasse um panno preto que cobria o banco em que estava sentado» o regedor oppoz-se abertamente e respondeu que o não tirava. O tribunal inquisitorio levou adiante seu processo, e alli mesmo declarou excommungado o regedor; e em seguida mandou-se suspender a missa, e desceu do pulpito o padre. Succedeu isto pe-

(*) Filha de D. João 3.º: — morreu de parto em 12 de julho de 1545.

las dez da manhã, e como em perguntas e respostas e notificações decorria o tempo, dispoz o cabido que passasse o celebrante á sacristia para que concluísse a missa; e assim se fez. Todos permaneceram sentados, e o regedor das justiças firme em seu proposito, até que se meteu por mediador o marquez d'Algaba, é ás quatro da tarde a inquisição levantou a excommunhão ao regedor, remetendo-se este assumpto á deliberação do Conselho de S. M. — Suspenderam-se por este acontecimento as exequias até a sentença da superior instancia; e todos os concurrentes despejaram o templo. —

No mez de dezembro veio a resolução do conselho, ordenando que as exequias se celebrassem immediatamente, e que o regedor tirasse o panno negro que mandára pôr em seu banco. Aquellas se effectuaram em 30 e 31 do citado mez, com o que rematou esta ridicula contestação.

ESTUDOS MORAES.

I.

[As recordações].

Como a philosophia é triste e arida! — Ás vezes na primavera o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma intelligencia vivesse nelle — intelligencia de maldade e destruição. De noite e de dia os troncos das arvores torcem-se e gemem, as ramas açoutam-se e despedaçam-se envoltas nos braços longos e flexiveis da ventania: o demonio do septentrião sibilla no meio dellas um zumbido entre de lamento e d'escarneo. Debalde o bosque estende saudoso por um momento os seus mais altos raminhos para o sol que se vai alevantando no oriente: a rajada despega de novo da cumiada da montanha; o bosque curva-se para o meio-dia; e galgando por cima daquellas mil frentes inclinadas das plantas gigantes, das raihas magestosas da vegetação, aquelles turbilhões de atmospheria agitada rolam pela planicie coberta já de relva entresachada das primeiras florinbas. Então, relva e florinbas murcham esmagadas pelas mãos da procella, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os carvalhos frondosos, e as boninas rasteiras com a fronte pendida para a terra, como outros tantos symbolos do desalento, não ousam ergue-la para o céu. É que o rugir da rajada cahe da montanha em perenne catadupa. Ás vezes, como por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante, e depois remoinha e apruma os topos das arvores e as corolas das flores, mas é para logo as vergar com mais força, e apupar com o silvo insolente aquella rapida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E quando o vento acalma é para saltar ao ponente ou ao sul. A rajada já não silva da montanha: uma bafagem tepida vem da banda do mar; mas o céu está toldado e o ar humido: o dia passa melancholico e pesado sobre a bonina que a nortada açoutou: ella não pôde saudar o sol no oriente: está pendida e murcha como a ventania a deixára. A noite vem encontra-la n'uma especie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a florinha do campo a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de opiniões, d'argumentos, pende desanimada e triste; e na clari-

dade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmospheria da intelligencia, não pôde aquecer-se aos raios esplendidos do sol de uma crença viva.

Com Kant o universo é uma duvida: com Locke é duvida o nosso espirito: e n'um destes abysmos vem precipitar-se todas as philosophias.

A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe consigo a dôr, a condemnação e a morte: mas a sua peor peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião alem da morte, sem que um momento vacille; sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se com a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: — «Creio, creio, oh Nazareno! Creio em ti porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh Nazareno! porque até a hora do expirar na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, oh Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saude, do ouro, do poderio e dos crimes a um lado, e a da enfermidade, da pobreza, da servidão e da innocencia a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam alem do sepulchro. Creio, creio, oh Nazareno! porque só tu soubestes revelar a consolação á extrema miseria sem horisonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no lugar do destino a providencia, e do nada a immortalidade! Creio, creio, oh Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossivel humano; a victoria da tua doutrina severa contra a philosophia e o paganismo um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado maior que todas glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo.»

Não! — o animo vulgar que nunca vacillou na fé, que no insensato orgulho da sciencia nunca discutiu o Verbo, nunca julgou o Christo, esse ignora a dolorosa oração do que pede a Deus o crer: ignora quanto fel encerra a interrupção contínua de cada phrase, de cada palavra daquelle tormentoso orar; ignora o que é atirar-se aos pés da cruz por um impulso quasi phrenetico do coração, sentir a voz gelida, pesada, cruel do entendimento dizer-lhe tranquillamente: — *quem sabe!* — e cahir desanimado no lethargo da duvida, donde muitas vezes bem tarde se alevanta o espirito, opprimido e quebrado, porque nelle pelejaram horas largas o instincto religioso, e o demonio implacavel a que chamam sciencia.

A sociedade é bem injusta quando ás faces do desgraçado, que assim lueta consigo mesmo, sacode o lodo da injuria, dizendo-lhe: «hypocrita!» porque escondeu aos que o rodeam, não as certezas, que não as tem, mas as duvidas terriveis da intelligencia, e lhes revela só as inspirações, os desejos, as saudades do coração! — Hypocrita?! Tanto como o que havendo-se transviado da estrada e cahido em fojo profundo, dorido, coberto de pisaduras e feridas, e ensanguentando as mãos e o rosto nas urzes do despenhadeiro, lidasse por sabir delle e voltar ao caminho suave e plano, e bradas-

se aos que visse ao longe: « não vos affasteis para aqui! » Hypocritas são aquelles que mentem aos que os escutam; que simulam a paz do descer tranquillillo, quando vai lá dentro o tumultuar das incertezas. Como satanaz elles dizem que o inferno é o céu: dizem que a irreligiosidade tem o segredo do repouso e da ventura, quando o que ella dá é inquietação e desesperança.

Feliz a alma vulgar e rude que crê, e nem sequer sabe que a duvida existe no mundo! Está certa de que alem da morte ha vida; conhece as suas condições; conhece-as como lh'as ensinaram, como conhece as condições dos corpos. Para ella as noites não tem os pesadellos monstruosos, nem os dias as meditações febris em que o sceptico involuntario se debate na orla do possível, que toca por um lado nas solidões do nada, por outro na immensidade de Deus.

Mas ainda mais feliz a intelligencia superior ás do vulgo, aquella que a Providencia destinou á missão do poeta, nos annos da infancia e da juventude, antes que o arido bafo da sciencia a queimasse passando por cima della! Nesse espirito e nessa idade a religião não está só nos preceitos e nos dogmas; está na natureza inteira. A alegria de Deus, o aspirar das fragrancias celestes, a toada suavissima dos hymnos dos anjos, descem a ella nos raios do sol quando nasce e quando desaparece; tremulam no espelhar-se da lua nas aguas; misturam-se no cicio das arvores; entretecem-se com os mil gemidos da noite; vivem nas affeições domesticas; e santificam o primeiro bater do coração pelo amor. Tudo então é viçoso e puro, porque a alma poetica lhe empresta viço e pureza. As harmonias moldadas na virilidade pelas leis das linguas, e das escholas, são apenas um echo frouxo desses canticos da meninice e da primeira mocidade, que se evaporam sem se escreverem, que são um oceano de delicias ineffaveis em que se emballa mollemente a imaginação e o sentir do homem, a quem o mundo ha-de chamar poeta. Nessa epocha da vida elle não abstrahê do real para salvar verdadeira e intacta a sua idealidade: faz mais; derrama esta, que é a seiva intima do seu viver, pelo universo, e converte-o n'uma cousa formosa, santa, ideal, que o mundo está bem longe de ser.

Depois vem outra epocha da vida, em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, posto que já eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, d'esperanças mesquinhas e heterogeneas. São os annos que precedem e seguem immediatamente os vinte. Abrem-se então ante nós os caminhos do mundo como uma conquista. Gloria d'artistas, poderio, opulencia, acções generosas e grandes, amor sem termo, amisade sem perfidias, vida multiplicada indefinidamente pela infinidade de affectos e sensações — que é, emfim, o que não sonhámos nessa epocha de fervente loucura? A innocencia morreu, a poesia intima e crente desbaratou-se, o sentimento religioso desvaneceu-se: mas ficam os deleites dos sentidos, que nos embriagam; os applausos das multidões aos nossos hymnos decorados, que ellas ainda julgam energicos e brilhantes; applausos que nos consolam; fica-nos uma philosophia orgulhosa e insensata, que se crê profunda, uma sciencia superficial, que se crê completa, pela qual dormimos tranquillillos sobre a negação de todas as idéas mysticas, e de todas as lembranças de Deus.

Desta idade em diante é que chega o desfazer das illusões — até das illusões do orgulho. A poe-

sia suave e pura da infancia e da puberdade passou: passa tambem o iris das paixões férvidas, das ambições insaciaveis, da crença na propria energia. Começa então o pardo crepusculo deste scepticismo, que, similhante a herpes lentos, vai lavrando por todas as nossas opiniões e affectos, e os prostra e subjuga; desde essa epocha a vida tem largas horas de tedio em que o existir é uma carga pesada, porque nos falta um alicerce em que possamos firmar-nos; porque fluctuamos sobre as nevoas densas do duvidar de tudo.

O materialismo incredulo já tirou das phases espirituales dos altos engenhos argumento contra a immortalidade. Com a sua logica miope persuadiu-se de que via as enfermidades e a decadencia da alma acompanharem as enfermidades e a decadencia do corpo; que via o entendimento cachetico esmorecer com a decrepidez; quiz que elle na morte ficasse perdido e annullado entre as cinzas da sepultura. Se o materialismo soubesse que a vida das summas intelligencias é a poesia, e que ella segue a ordem inversa do desenvolvimento physico; se conhecesse que a energia intima tem o seu apogeu nos annos debeis da infancia, e começa a desvanecer-se quando os órgãos se fortalecem, elle não teria achado a explicação do phenomeno nas suas tristes doutrinas. Nos destinos eternos dos homens iría encontrar a rasão desse facto, que então veria á sua luz verdadeira. Os olhos da alma se vão pouco a pouco enevoando no meio das trevas do mundo: nesta atmospha grossieira e corrupta ella resfolga a custo, e com o diminuir dos alentos diminuem-se-lhe successivamente os brios: cada dia lhe desfolha um affecto, lhe discute uma crença, lhe mata uma esperanza, lhe traz um desengano cruel. Entre o espirito e o mundo partiram-se um a um todos os laços. Vós crêdes que a mente se define, e ella apenas dormita para despertar vigorosa ao sol da eternidade, que rompe atraz do sepulchro.

Tomai-me esse octogenario tonto que foi um alto engenho: cavai no deserto do seu coração gasto e frio, e arrancai-me de lá uma daquellas paixões que ardem até o ultimo instante da existencia: vibraí uma corda das que lhe davam na idade viril um som estridente: dizei-lhe: — « teu filho querido foi arrastado ao tribunal como criminoso; espera-o o supplicio se não houver uma voz eloquente que o defenda: se ella se erguer será salvo; — e tu foste na mocidade o mais eloquente dos homens! » — Dizei-lhe isto, e vereis esse engenho, que crêdes moribundo, atirar-se como um tigre ao meio dos juizes, e achar toda a energia dos vinte e cinco annos para defender aquella vida que a natureza ligou á sua pelas harmonias mysteriosas da paternidade. Se as palavras, se o órgão extenuado da linguagem não poder exprimir o pensamento daquella alma remoçada subitamente, o gesto, o olhar, os meneios substituirão a lingua, e se cansados e debeis não bastarem á violencia da idéa, o espirito despedaçará o quasi cadaver, e despedindo-se da terra provará, que se dormitava não se extinguia, e que despertando partia o vaso fragil que já não o podia conter.

Tal é o destino da intelligencia neste breve desterro: dois dias conserva as recordações verdadeiras e puras da sua origem immortal: outros dois allumia-se ao fogo fatuo das paixões e esperanças: o resto delles revolve-se na lucta tormentosa das idéas, dos affectos, dos desenganos: depois vem o dormir da velhice e a regeneração da morte.

Eu que já vou áquem do marco, onde começa o terceiro periodo da viagem humana, a sós ás vezes com as minhas recordações infantis, ponho-me a comparar a aspecto prosaico e triste, que tem actualmente para mim o universo, com as formas suaves e poeticas em que elle me apparecia involto nesses tempos dourados. É uma comparação amarga: mas a saudade que encerra consola do seu amargor.

Hoje a lua no crescente alevanta-se ao anoitecer de um dia sereno do estio, e estende o manto de lhama de prata sobre a face levemente crespada das aguas: os seus raios, transparecendo por entre o verde-negro das copas do arvoredo, que se balouçam somnolentas, descem tremulos sobre o chão pardo, e lhe mosqueam a superficie como o dorso da panthera. A viração tenuissima da tarde passa, e murmura um cício quasi imperceptivel na folhagem. Em volta do circulo alvacento que o luar esparge no céu, scintillam algumas estrellas no azul do firmamento, que parece o leito recamado de saphyras em que se reclina a rainha da noite.

Ha quinze ou vinte annos uma tal noite tinha para mim um sem numero de mysteriosas harmonias, que eu não sabia explicar, mas que sabia sentir. Agora sei dizer-vos o que é a lua, a sua luz refracta, a noite, a viração, o vulto das aguas

encrespadas, as estrellas, e as solidões do espaço; mas o que eu já não sei é verter as lagrymas d'ineffavel contentamento que se me escoavam tepidas pelas faces, ao contemplar esse espectáculo: o que eu já não ouço são as harmonias immateriaes e intimas, que vagavam pela atmospherá tranquilla, como um eccho longinquo das harpas angelicas tombando de astro em astro até se derramarem na terra.

Dai-me uma nota só dos canticos que eu então escutava; dar-vos-hei em troco toda a minha estúpida e inutil sciencia!

Mas essa epocha da vida não voltará mais, porque não póde retroceder uma unica onda do rio impetuoso do tempo! Depois da taça do mel esgotada, resta a do absintio. Que se resigne e espere aquelle que vai devorando os dias da duvida e do desalento. Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: será a da morte. A Providencia foi ainda generosa comnosco consentindonos affastar dos labios a espaços o calix do fel, e deixando que nestes momentos rasguem o nosso longo e tedioso crepusculo alguns raios transitorios de luz. A memoria é o instante de repouso; e a saudade o clarão suave que nos illumina.

Recordar-se — consolar-se.

(A. Herculano.)



AS CAMURÇAS.

ESTES animaes, agilissimos, esptos, e no tamanho e forma em tudo parecidos á cabra domestica, pertencem ao genero das antilopes, intermedio entre os veados e as cabras, e que tem lacrimaes, como os primeiros, e os xavelhos recurvados. Fre-

quentam os mais altos e intrataveis picos das principaes cordilheiras da Europa e da Asia occidental, como os Pynéus, os Alpes, as montanhas da Grecia, o Caucaso; e talvez que se encontrem em outras situações. Nos habitos e ligeireza assemelham-se

muito ao bodequim; veja-se no que differem, a pag. 205 do vol. 1.º deste Jornal, onde inserimos estampa e noticia deste animal selvatico, e abi mesmo, o risco da perigosissima caça de ambos, a qual, alem de degenerar em paixão nos habitantes das serranias, é vantajosa, quando feita ás camurças, em rasão do valor das pelles, que depois de curtidas tem varias applicações, e são bem conhecidas. — Como esta cãsta é veloz, precatada, munida de perfeito olfacto e vista penetrante, é difficil de apanhar, maiormente porque trepa por escarpadas rochas, em sitios impervios ao homem; de tal modo que parece incrível como se não despenha em repetidos pulos irregulares saltando por fraguados e penhascos, onde não tem uma saliencia em que possa firmar-se; por isso os caçadores, para não frustarem suas penosas e arriscadas fadigas, costumam-se juntar-se em bandos e fazerem cerco ao pincaro ou agulha que sabem ser frequentado por camurças; o faro subtil dos animaes denuncia-lhes os perseguidores que vem da banda do vento, por consequencia fogem na direcção opposta e assim vão cahir em mãos da outra partida dos inimigos.

Aborrecem tanto o calor que se vão acoutar nos mais empinados desfiladeiros, e só de inverno, durante a intensidade do frio, procuram alguns valles mais baixos: pastam hervas, matto, e gomos d'arvores e arbustos: teem as crias em março ou abril, raras vezes duas de um parto, e só as amamentam até o outubro seguinte. Dizem que a carne das camurças é saborosa.

MANUEL DE SOUSA DE SEPULVEDA.

IV.

Africa.

.....
.....
*Vês Africa, dos bens do mundo avara
Inculta, e toda cheia de bruteza;
C'o Cabo, que atéqui se vos negára,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.*

Lus., Cant. 10, Est. 92.

Foi uma nobre e ardida empreza a das descobertas da Africa. Foi uma sublime intelligencia, e uma poderosa vontade a daquelle principe que primeiro em Portugal creou a escola e, pôde dizer-se, inspirou o genio da navegação. Devem-lhe muito a humanidade, a sciencia, e a gloria tambem. Grande homem é aquelle que sabe tirar partido das tendencias de uma epocha e das propensões de um povo. E se elle chega a converter os erros e as paixões do seu tempo em vantagem duradoura da sua nação ou da sua especie, merece então o titulo de bemfeitor e a corôa de immortal. Era a religião na epocha em que viveu o infante D. Henrique o voto mais acendrado e o mais pungente estimulo da sociedade portugueza. Apoderando-se das consciencias e das cabeças tinha-se esse divino instincto tornado quasi em delirio. Mas esse delirio voltou-o aquelle principe em proveito da civilisação e do commercio: e o que na idade media fôra flagello da Europa — o demonio da intolerancia — transmutado em principio de bem e progresso, produziu

[quem o diria!] resultados que o mundo hoje adplauda e prosegue com enthusiasmo. Recalcado sobre a extrema do occidente, este povo tão pequeno em territorio, mas tão vasto em pensamentos como insoffrido de repouso e de paz a que o tinham desafeçoado quatro seculos de guerras mal interrompidas, abafaria, se a natureza lhe não estivesse como clamando — *ao oceano, ao oceano!* — Ao oceano pois se lançou no amanhecer do seculo 15, encommendo-se a Deus, e hypothecando-se á ventura; e desde essa madrugada, dormindo ainda em somno profundo o resto da Europa, caminhou tanto, que parece hoje um sonho a historia memoravel de suas emprezas. Não eram, não, almas vulgares as desses homens que com tão escassos meios para resistir aos perigos tão variados do mar, estando ainda na sua infancia a arte nautica, se afoutaram aos abysmos, e penetraram tantas terras barbaras, desconhecidas ao resto do mundo, fiados unicamente na grandeza do seu coração!

Correndo com os olhos o mappa, desde o ponto em que Europa se divide de Africa até o Cabo de Boa-Esperança, quasi se não topa uma ilha, um golpho, um promontorio, uma costa, uma bahia que não seja portugueza pelo descobrimento e pelo nome, senão pelo senhorio; e dobrando o Cabo quantos vestigios, quantos se não encontram por toda a costa do oriente da actividade e do genio de nossos navegadores? Aquelle vasto oceano está coalhado dos seus ossos, aquellas praias ainda estão humidas do seu sangue, aquellas terras ainda nos são testemunhas do seu valor, e os echos daquelles montes ainda se não cansaram de repetir o pregão secular de suas victorias. Chamma era essa que lhes ardia nos peitos mais abrazadora que o fogo dos tropicos. Enervou-se acaso a tempera heroica de que eram forjados aquelles animos? Enervou-se, sim; mas não se perdeu. Na alma do homem mais frouxo, e do povo mais apathico reside um principio de energia e de acção. Atinai-lhe com a corda vital, e vibraia que vos hade dar um som: procurai nessa pedra inanimada e insensivel a vèa onde se occulta o fogo e feri que hade afusilar-vos centelhas: applicai a pilha galvanica a esse cadaver que ahí jaz, erguerse-ha diante de vós! Não é a mesma em todas as epochas, bem o sei, a vara magica que desperta os povos. Foi grande estimulante no seculo das descobertas o proselytismo religioso, que não prestaria hoje. Mas tem-o sido entre nós somenos o amor da independencia? E o enthusiasmo da liberdade, exaggerada ou não, não pôz, ao fechar do seculo 18.º, em movimento todas as forças d'um povo illustre? E quando arrefeceu esse enthusiasmo, não houve um homem que soube tocar na fibra sympathica da gloria a esse mesmo povo, e abala-lo a obrar prodigios em nome da ambição, como os tinha obrado em nome da philosophia? Será, tambem, seguido como muitas vezes é do incentivo da grandeza nacional, fraco aguilhão o do commercio?

Havia um toque de verdadeira ingenuidade e innocencia, que hoje mal pôde ser comprehendido, na confiança com que os nossos antepassados na primeira epocha das suas excursões nauticas reduziam o titulo da posse real das terras que iam descobrindo a escrever o motto, profundamente sympathico e altamente social, do infante D. Henrique (*) na casca dos dragociros, a plantar com sin-

(*) Ninguem ignora que o motto era este: *l'ent de bien faire.*

geleza algumas cruces de páu, ou a assentar padrões de pedra demonstrando em seu letreiro a data da descoberta, e o nome do descobridor. Mas, com todo esse desartificio, que paciencia no estudar as inclinações do povo, e que destreza no governar aquellas ondas revoltas da multidão para um fim nacional! Eu não me atrevo a decidir se a nossa sciencia, que na jactancia não é mesquinha, vale neste ponto a sua que era menos fumosa, mas pôde ser que mais efficaz. Souberam elles com o povo mais pequeno da Europa, destituídos de todos os instrumentos da policia moderna, devassar o mar e a terra por milhares de leguas, e conduzir-nos ao vertice da pyramide no commercio e na politica. E nós com todo o apparatus d'artes, e a vantagem dos cabedaes da fortuna e tambem da experiencia amontoados em quatro seculos, com quantas sejam as nossas perdas, superiores a elles sem comparação, havemos descido ao mais humilde gráu da escala das nações commerciantes. É que se nos estanca o genio, cumpre confessa-lo. Ninguem hoje affirmará que a nossa decadencia provenha *unicamente* da elevação de outros povos, porque o dogma, decrepito, das nações não poderem prosperar senão com o abaixamento e pobreza de outras, é hoje regeitado pela economia, e desmentido a todas as horas pela auctoridade dos factos.

Não deixo eu de considerar que se vão desmornando os vallos que separavam as sociedades—que os povos se vão *aggregando* á unidade social e politica—que a linha que dividia um paiz em tantas nações como as suas provincias, os seus districtos, os seus municipios, as suas diferentes classes se vai apagando: mas isso que monta? É, apenas, quebrar os obstaculos á união. Dahi a alcançar a unanimidade, e a influir impulso commum e uniforme no grande todo nacional, vai muita distancia. Quereis ouvir, em poucas palavras, o que a nós nos falta: achar aquellas idéas poderosas, que apaixonam as multidões, e achadas atira-las, como facho incendiado, ao meio da sociedade portugueza hebetada e paralitica. Conheciam esse segredo os nossos antigos, e essas povoações tão desatadas como pareciam, e como eram as do seu tempo, com que habilidade não sabiam vincula-las em laço estreito, e tocar-lhe aquelle rebate a que ellas acudiam sempre em agitado tropel! Vêde uma associação industrial: como um pensamento unico dirige aos seus membros todos: como caminham unidos para o fim de interesse que alli os juntou: como são acres e diligentes no esquadriñar os damnos, os proveitos, as causas de ambos, os passos que para lá guiam: como o estremecimento que sente um o sentem todos: como a idéa que alli os convocou está constantemente accessa naquellas cabeças, regendo todas aquellas vontades, movendo e inflammando sem descanço n'uma direcção unica e commum todos aquelles esforços: como marchando todos debaixo d'uma só bandeira, a uma voz que todos entendem e commove a todos, chegam a conseguir os resultados a que aspiravam! Assim hade ser a grande associação nacional, se quizer marchar em linha com os progressos do seu seculo. Somos portuguezes, povo meridional, e herdeiro de grandes recordações. Não nos fallece sensibilidade para receber estímulos se os convenientes nos forem applicados. Tivemos tempo, espaço, industria, commercio, para adquirir e enthesourar. Temos homens, terra, clima, recursos physicos e moraes; mas, eu já o disse, falta-nos

o genio; e falta-nos exactamente no lugar onde mais o precisavamos que era nas regiões do poder. O poder tem, desde muito, sido quasi completamente esteril para nós. E quando eu me demoro a contemplar os elementos fecundos, que ainda restam á nação portugueza; quando comparo o estado em que ella se acha com o de outras muito menos dotadas pela Providencia, mas melhor aquinhoadas de sabedoria politica e governativa, gemo da nossa inferioridade, e da nossa humilhação!

Quem evocará das ruinas o espirito energico dos tempos passados? Quem despertará do lethargo em que jaz entorpecido este povo? Quem, quem apontará a esta geração em seu desalento a estrella da esperanza?

Os tumulos e os rios.

EXISTEM umas catacumbas em que habitam alguns seres humanos. No vestibulo estão como postas de guarda figuras de raposas, symbolo da vigilancia. A um angulo lança uma fraca alampada a sua luz moribunda sobre o subterraneo, onde ao cahir da noite se reúnem os moradores, e passam mostra ao despojo que fizeram durante o dia. Alli estendidos sobre pilhas de ossos de finados contam uns aos outros suas aventuras estes habitantes das cavernas, meio nus, e quasi selvagens; mas nem por isso destituídos de astucia e de malicia. Depois ao lume acceso com esses mesmos ossos, e com pedaços de caixões funerarios cosinhão o seu festim, e refeitados com o banquete infernal, entram logo a cuidar no achado ou na preza do dia seguinte. Quem são esses homens estranhos? os troglodytas. E esses subterraneos sepulchraes que elles habitam? as catacumbas da Thebaida. Estamos no Egypto, terra de maravilhas e de mysterios, cujos antigos monumentos certificam a cada passo que alli se cuidava muito dos mortos, e muito pouco dos vivos. Cousa singular! A civilisação, a historia, as artes, as sciencias, os costumes deste povo estão depositados e cifrados nos seus tumulos. A vida reputavamma peregrinação de um dia, e a alma, segundo as suas crenças religiosas, habitava na morada dos mortos em quanto alli se conservava uma reliquia do corpo. Embalsamavam os cadaveres com muito cuidado para que durassem seculos: accumulavam piedosamente nos sepulchros quanto podia tornar aprazivel aquella morada aos espiritos que alli suppunham residir: e lá mesmo com o auxilio da pintura e esculptura procuravam perpetuar a memoria e os feitos dos fallecidos para servirem de exemplo ás gerações que lhes haviam de succeder; elles pelo marmore, e o pincel, nós pela arte divina da imprensa.

Africa, os tumulos são o testemunho da tua civilisação no passado, e os rios o penhor da tua grandeza no futuro. Corre, patriarcha das aguas, Nilo mysterioso e sagrado, corre os teus vastos dominios: humilha-te como os ribeiros, e murmura como elles: rola impetuoso, rola as tuas ondas: atravessa rapido os desfiladeiros e as montanhas: brame despeitoso na garganta das rochas: despeinha-te enfurecido nas catadupas: passeia sereno e magestoso as planicies, e em tua grão carreira não como o conquistador que devasta mas como a divindade que fecunda, abençoa os campos: levanta essas ilhas graciosas que te obedecem como a seu suzerano e protector: beija o esphinge colossal que os homens e os deuses deixaram esquecido ás tuas

margens: consola o viajante abrasado do deserto com a fresquidão de tuas auras, com o picturesque de tuas scenas, com o aspecto deleitoso dos tamariscos de Syena: foge, foge como a belleza orgulhosa e requestada; e como ella os segredos do seu coração, recata, ó Nilo, os mysterios do teu nascimento. Pai da civilisação, rio portentoso, de todos o mais antigo, e o mais enigmatico, que acalentaste a monarchia de Menes em seu berço; que assististe á fundação de Memfis e Thebas; que viste emigrar a colonia de Cecrops; que choraste as lagrimas amargas da escravidão sob o jugo de Cambysses; que do aviltamento do senhorio estrangeiro te consolaste um pouco com o reinado glorioso dos Ptolomeus; que gemeste as profanações de Cleopatra, e a tyrannia das armas romanas; que te acurvaste resignado ao sceptro do arabe; que patrizaste ao sacudir a dominação dos califas da Asia; que malsoffreste a usurpação do nazareno; e que reconheceste em fim a lei do propheta — tu serias hoje uma ruina veneravel, ou uma potencia decahida, se o grande Albuquerque vivesse assaz para derivar o teu curso! (*)

Se a Providencia embargou o guerreiro portuguez no projecto de degradar de sua opulencia e celebridade este rio, reservou a outro portuguez, sacerdote, a gloria, tantos seculos e a tal desvelo buscada, de o devassar na sua fonte. Aos vinte e um de abril de 1618, na Ethiopia, reino de Gogojam, territorio de Sacahala, paiz dos Agaus, mui perto de uma pequena montanha encontrou o padre Pedro Paes, jesuita portuguez, o berço do Nilo, (:) nascendo de duas fontes, uma das quaes podera ter quatro palmos de diametro. Sae da sua origem caminhando occulto por debaixo de hervas e arvoretas entretecidas, espaço de um terço ou quarto de legua: e ao cabo d'esse espaço pela primeira vez apparece, ainda humilde e indigente, correndo entre pedras esse rio, cujo nascimento Alexandre e Philadelpho perguntaram, mas debalde, ao oraculo de Ammon; Sesostris e Cambisses procuraram, e Nero mandou buscar, com exercitos poderosos; e Cesar o Dictador mais queria descobrir do que dominar em Roma!

Rio illustre, não tens rival sobre a terra! Pode-se affectar apenas a honra de teu segundo, e o teu segundo é o Niger.

O Niger é uma das grandes arterias de Africa. Quanto sangue, quanta seiva encerra o coração d'aquella peninsula immensa, todo passa pelo Niger.— Mas durante muitos seculos castigou aos temerarios que se arrojavam a metter pé em sua commarca, e a procurar o registo do seu nascimento este rio, como o guerreiro dos tempos que foram, catafracto de todas as armas; defendido por precipicio de algares, por aspereza de serras, por tempestades de areia, por diluvios de chuva dos tropicos, por furor de ventanias, por fogos do equador, por solidões, por torrentes, por truculencia de feras, e por crueldade de homens. — A historia das viagens ao Niger, é um martyrologio continuado, e neste martyrologio a victima mais illustre é Mungo Park.

Em sua primeira viagem Mungo Park, depois de

(*) Andréossi um dos sabios da expedição franceza, que foi ao Egypto, é de opinião que não teria sido inexequível o plano de Albuquerque, adoptadas certas modificações que aponta.

(:) Voyage historique d'Abissinie du R. P. Jerome Lobo, traduite du portugais, continuée de plusieurs dissertations, lettres, et memoires par M. Le Grand-Paris 1728 — pag. 210.

muitos trabalhos, e de perigos a que parece milagre haver escapado, levando pela redea o cavallo exhausto de canção, foi de repente, perto de Iabbi, tirado do abattimento em que ia pelo grito de jubilo dos negros que o acompanhavam: Geo affilili! eis aqui a agua. Então o viajante olhou e vendo com arrebatamento o grande objecto da sua expedição, o magestoso Niger, por tanto tempo e a tanto risco intentado, faiscando ao primeiro raiar do sol, precipitou-se sobre as suas margens, bebeu soffrego de suas aguas, e rendeu acções de graças á Providencia eterna que aos seus esforços acabava de coroar com o successo. Voltou á patria Mungo Park sem ter descoberto o curso definitivo do Niger. Repousou dez annos no seio de sua familia. Mas consumido por aquella lava occulta e nunca extincta do genio, resolveu segunda viagem ainda mais perigosa que a antecedente; emprehendendo descer pelo rio desde a sua sahida da região de Mandinga junto a Bammaku até á sua embocadura. Partiu. Chegou ao Gambea com a sua pequena comitiva, seu cunhado Anderson, e o pintor Scott, manceboz ambos, cheios d'enthusiasmo e coragem, compatricios e amigos; alguns soldados, o tenente Martyn, e dois marinheiros para equipagem do barco que haviam de construir para a descida do Niger, e 6 carpinteiros. Subiu o Gambea até Kae e em Kae ajustou-se com um padre de Mandinga, negro intelligente e fiel chamado Izaaco, para o seguir na qualidade de guia e interprete. A 11 de maio começou a sua peregrinação aventureosa, e entre as fadigas, accidentes e tribulações variadissimas por que passou, dois sinaes, revelação da sorte que lhe estava destinada, como duas badaladas lugubres de um sino de finados, o avisaram durante o caminho. Na passagem do rio Wonda Izaaco, o guia, foi accommettido por um crocodilo, e já meio engolido, depois de uma lucta ensanguentada e terrivel, pôde o negro intrepido tirar os olhos ao monstro, e d'este modo escapar á morte ainda que ferido e mui gravemente. Ao passar outro rio o Bor-Waulima, braço o mais oriental do Senegal, enfermos já a esse tempo todos os europeus da caravana, precedia-os entre os selvagens que vagueiam por aquelles sitios um boato singular e sinistro: é, diziam aquelles negros ferozes, um *Doummoulafong* — uma cousa que aqui vem para ser comida. A cada passo uma nova desgraça o soçobrava; mas lançando os olhos ao horisonte, se divisava sequer uma cadeia de montanhas banhadas pelas aguas do Niger, reanimado da esperanza, triunfava da sua situação o magnanimo viajante.

Em fins de setembro chegou proximo á villa de Sansanding, e ancorou a sua barca. E da villa a 16 de novembro escreveu ao seu amigo Ios. Bank a ultima carte em que lhe dizia que era sua intenção tirar o partido possivel da corrente e dos ventos, navegando no meio do Niger; e que bem cedo ou havia de descobrir o termo do rio mysterioso, ou morrer em suas aguas.

O navio de Mungo Park tinha capacidade sufficiente para conter 120 homens; mas a bordo levava 9 somente: quatro brancos em cujo numero entrava o tenente Martyn, o proprio Park, tres negros escravos, e Amadi o novo interprete substituto de Izaaco. Ia bastecido de munições de toda a casta. Partiu de Sansanding em novembro de 1805, chegou em dois dias a Genii e de lá ao lago de Dibbic, onde foi atacado por tres barcas armadas de piques e lanças. Mungo Park conseguiu todavia

repeli-las. Junto a Bakbara, ancoradouro de Tombuctu, encontrou outras tres, que igualmente repelliu, e ás abas do junto á capital teve que combater ainda outros inimigos. Em cada um d'estes recontros perderam os naturaes muita gente. Perto de Gouroumo foi assaltado o navio europeu por sete canoas que poz em fuga, com morte de um só europeu, tendo cada um dos homens que lhe restavam 15 espingardas carregadas. Proximo á residencia do rei Gotoyege tornaram os indigenas a atacalos com 60 canoas que foram todas postas em derrota, depois de terem perdido muita gente. Estava reunido ás margens do rio um exercito consideravel de *Pulos*: mas a gente de Mungo Park passou tranquillamente por elles, sem se ver obrigada a travar combate. Ancoraram em Casso: alli descansaram um dia; e depois proseguiram até á fronteira do reino de Houssa, onde Amadi devia retroceder, segundo tinha ajustado com Mungo Park. Mungo Park tomou terra em Yaour, paiz habitado por Marabutos, e mandou pelo seu interprete presentes ao principal do logar, que em testemunho de agradecimento o brindou com uma carga de arroz, tres escudellas de mel, um carneiro, e uma novilha. Depois enviou pelo mesmo ao rei, que estanceava a alguns centos de passos do ribeiro, cinco aneis de prata, alguma polvora, e pederneiras de espingardas, pedindo-lhe acceitasse aquella offerta em memoria dos brancos. O principal perguntou então a Mungo Park, se elle voltaria ao seu paiz; e o viajante respondeu, sincero, que lhe seria impossivel o voltar. Esta resposta foi a verdadeira causa da sua morte; porque o negro astuto, seguro assim de que não seria accusado, guardou para si os presentes. Amadi Fatouma ficou em Yaour; Park continuou a sua derrota; e o rei irritado de que elle partisse sem presentear-lo, mandou pôr a ferros o interprete, e ao seu exercito que perseguisse a Mungo Park, e o matasse. Junto a Bussa, onde altos rochedos comprimem o leito do rio, e tornam muito perigosa a sua passagem, atacaram d'improviso ao navio os naturaes, e o cobriram d'uma saraiva de pedras, frechas e piques. Dois escravos que estavam á prôa da canôa cahiram, e Mungo Park vendo, depois de um combate longo e renhido, perdida toda a esperanza de salvacão, precipitou-se no rio com o ultimo dos europeus.

Morreu o heroico viajante sem chegar a ver o que alguns annos depois viram, mais afortunados, Clapperton e sobretudo os irmãos Lander — o curso inteiro do Niger — á excepção do seu berço, ainda hoje desconhecido á Europa. Mas, como o seu antecessor, pagaram tambem com a vida sua devoção á sciencia.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

A duração dos homens e a de algumas arvores. — Observei, no cimo do Libano, cedros que segundo as tradições arabes permanecem desde o tempo de Salomão. Não ha nisso impossibilidade: a natureza deu a certos vegetaes mais duração que aos imperios; alguns carvalhos tem assistido á successão de muitas dynastias, e a lande que pizámos a pés, o caroço d'azeitona que esfregámos nos dedos, e a pinha do cedro varrida pelo vento, terão a faculdade de se reproduzir, dar flor e cobrir com sombra o chão, quando já os centenares de gerações, que tem de seguir-nos, houverem restituído á terra o punhado de pó que alternativamente lhe toma-

ram d'emprestimo. Não o tenhamos por signal de desprezo da creação para conosco: a importancia relativa dos entes não se mede pela duração mas pela intensidade da existencia. Ha mais vida n'uma hora de pensar, de contemplação, de rezar, e de amor, que na existencia inteira do homem puramente physica. Ha mais vida n'um pensamento que percorre o mundo e ascende ao céu dentro de espaço de tempo inapreciavel, no millionesimo de um segundo, do que em dezoito seculos de vegetação das oliveiras que palpo agora (*) ou nos dois mil e quinhentos annos dos cedros de Salomão. — *De Lamartine.*

Recordação efficaz dos varões insignes. — Sempre me pareceu que a mais segura e expressiva reliquia de qualquer homem illustre é o paiz que preferiu e habitou durante o seu transito pelo mundo; é uma especie de manifestação material do seu talento, uma revelação muda de parte da sua alma, um commentario vivo e sensivel da sua vida, de suas acções e pensamentos. — Sendo ainda mancebo passei horas solitarias e contemplativas deitado debaixo das oliveiras que assombram os jardins de Horacio, á vista das cascatas resplendentes de Tivoli; deitei-me muitas vezes pela tarde, ao sussurrar do formoso mar de Napoles, debaixo das varas pendentes das videiras proximo ao logar onde Virgilio quiz que as suas cinzas repousassem, por ser a mais linda e amena situação em que tinha posto a vista. — Mais para diante, quantas manhãs e tardes passei assentado ao pé dos bellos castanheiros, naquelle valle pequeno dito des Charmettes, para onde a lembrança de João Jacques Rousseau me attrahia e onde me demorava por sympathia que me suscitavam suas meditações e desvarios, suas desgraças e seu alto engenho! — Assim me aconteceu com outros muitos escriptores ou homens celebres, cujos nomes ou escriptos me abalavam fortemente: quiz estudal-os, conhecê-los nos logares, que lhes deram ou berço ou inspirações; e quasi sempre o lanço de vista intelligente descobre analogia secreta e profunda entre a patria e o varão illustre, entre a scena e o actor, entre a natureza e o talento que esta creára e inspirára. — *O mesmo A.*

Diz que as lebres, como gente,
Um dia conselho houveram
Por não viver tristemente,
E afogar-se de repente
Todas juntas resolveram.

Duas raãs, como soham,
Junto ao charco eram pastando
Adonde as lebres corriam,
E de medo do que ouviam
Vão-se no charco lançando.

Uma lebre mais ladina,
Que isto viu, teve-se quedo,
E gritou pela campina:
— Tende mão, gente mofina,
Que inda ha raãs que vos tem medo.

D. Franc. M. — Camfonha d'Eut. Cart. 2.º

Bem merecem o somno da noite os que aproveitam utilmente as horas do dia.

(*) Falla das oliveiras do horto de Gethsemani, que a pia crença julga do tempo de Christo.